

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

RESUMO

Nos últimos anos, diversas iniciativas têm sido realizadas para a construção e preservação das memórias das dissidências sexuais e de gênero no Brasil. Inserido nesse contexto, este artigo tem como objetivo construir memórias e apresentar um panorama do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco no período compreendido entre os anos de 1990 e 2010. O estudo parte da compreensão de que a construção e a difusão de memórias são fundamentais para a preservação da história, a valorização das lutas e conquistas, e o fortalecimento da identidade coletiva do Movimento LGBTQIA+. Em termos metodológicos, a pesquisa envolveu a análise de documentos, a realização de entrevistas com lideranças do Movimento e a consulta à bibliografia existente. Os resultados evidenciam a ausência das experiências do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco no contexto da literatura estabelecida a respeito dessa forma de ação coletiva no Brasil. Nesse sentido, o artigo pretende contribuir para a construção e a difusão das memórias do Movimento LGBTQIA+ pernambucano.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento LGBTQIA+. Memórias. Pernambuco. Gênero. Sexualidade.

ABSTRACT

In recent years, various initiatives have been undertaken to construct and preserve the memories of sexual and gender dissidence in Brazil. Within this context, the article aims to build memories and present an overview of the LGBTQIA+ Movement in Pernambuco during the period between 1990 and 2010. The study is based on the understanding that the construction and dissemination of memories are essential for preserving history, valuing struggles and achievements, and strengthening the collective identity of the LGBTQIA+ Movement. Methodologically, the research involved the analysis of documents, interviews with Movement leaders, and a review of the existing literature. The results highlight the absence of the experiences of the LGBTQIA+ Movement in Pernambuco within the established literature on this form of collective action in Brazil. In this regard, the article seeks to contribute to the construction and dissemination of the memories of the LGBTQIA+ Movement in Pernambuco.

KEYWORDS: LGBTQIA+ Movement. Memories. Pernambuco. Gender. Sexuality.

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

1. Introdução

Com enfoque centralizado na região Sudeste, os estudos e as obras que se tornaram referências na análise das trajetórias das dissidências sexuais e de gênero no Brasil têm apresentado análises que generalizam experiências locais para interpretar um contexto nacional. Indo na direção oposta a esse fenômeno, este artigo tem o objetivo de construir memórias do que se convencionou chamar de Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexos, Queers, Assexuais e outras identidades e expressões sexuais e de gênero (Movimento LGBTQIA+) no estado de Pernambuco.

Nos últimos anos, diversas iniciativas têm sido realizadas para a construção e preservação das memórias das dissidências sexuais e de gênero no Brasil. Dentre elas, destaca-se a Rede LGBT de Memória e Museologia Social, fundada em 2012, que vem influenciando e alavancando a produção dessas memórias no Brasil (Freitas, 2023).

Outras iniciativas importantes incluem a produção de livros e documentários. Entre as obras escritas, merecem destaque “História do Movimento LGBT no Brasil” (Green et al., 2018) e “Quando ousamos existir: itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI brasileiro (1978-2018)” (Caetano et al., 2018). Igualmente relevante é a obra audiovisual “Quando Ousamos Existir - Uma história do Movimento LGBTI brasileiro”, dirigida por Cláudio Nascimento e Marcio Caetano.

De acordo com Michael Pollak (1992), memórias não são um fenômeno individual; tratam-se, antes, de uma construção coletiva, sujeita a flutuações e transformações. Sendo assim, constituem-se como um fenômeno permanentemente em disputa. Não é por acaso que a narrativa do pioneirismo está presente nos discursos das lideranças dos movimentos sociais: “há uma ligação estreita entre memória e o sentimento de identidade [...] tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (Pollak, 1992, p. 204).

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Tendo esse ponto de partida e considerando que a construção de memórias também é um fenômeno em permanente disputa, este trabalho tem como objetivo construir memórias e apresentar um panorama do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco entre 1990 e 2010. A realização do estudo envolveu a análise de documentos, entrevistas com lideranças do Movimento e consulta à bibliografia existente.

Os registros existentes apontam que o então Movimento Homossexual surgiu em Pernambuco em 1980, com a fundação do Grupo de Atuação Homossexual (GATHO) na cidade de Olinda. Ao longo de sua trajetória, o GATHO protagonizou episódios importantes, como a realização do Encontro de Grupos Homossexuais Organizados do Nordeste (EGHON), em Recife, no ano de 1981. O grupo participou da arena política, apoiando um candidato vitorioso ao cargo de vereador na Câmara Municipal de Olinda no início da década de 1980, e organizou uma série de atividades que iam desde reuniões e palestras até bailes e blocos carnavalescos (Santos, 2022a).

Como se pode perceber nessa breve descrição da trajetória do GATHO, apesar de sua relevância, as experiências dos grupos de militância LGBTQIA+ em Pernambuco não foram suficientemente exploradas na literatura amplamente difundida sobre a trajetória das lutas das dissidências sexuais e de gênero no Brasil. Em um esforço para tornar visíveis essas memórias, este artigo é um dos resultados de uma tese de doutorado desenvolvida entre 2018 e 2022 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco (Santos, 2022b).

A construção e a difusão de memórias são fundamentais para a preservação da história, a valorização das lutas e conquistas e o fortalecimento da identidade coletiva do Movimento LGBTQIA+. Espera-se que o presente trabalho contribua nessa direção.

2. Apagamento das memórias, histórias e patrimônios LGBTQIA+

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

O apagamento das memórias, histórias e patrimônios LGBTQIA+ no Brasil é um fenômeno social e cultural que reflete a marginalização histórica dessa comunidade nas narrativas oficiais sobre a formação da sociedade brasileira. Ao longo de séculos, a presença de pessoas LGBTQIA+ foi silenciada ou distorcida, seja por meio da omissão explícita nas documentações históricas, seja pela construção de normas de comportamento que criminalizavam e marginalizavam as expressões de gênero e sexualidade não cisheteronormativas (Baptista e Boita, 2017).

Esse apagamento tem implicações profundas nas identidades e na luta por direitos da comunidade LGBTQIA+, pois impede que as gerações atuais compreendam as contribuições de seus antecessores e se conectem com a rica história de resistência e afirmação de direitos.

Historicamente, o Brasil foi palco de uma violência institucionalizada contra pessoas LGBTQIA+ desde o período colonial, quando a homossexualidade era vista como um crime passível de punição severa. Esse apagamento não se limitou ao campo legal, mas também se estendeu ao cultural e ao educacional. Durante grande parte do século XX, o Brasil viveu sob um regime de censura e repressão, especialmente durante o período da ditadura militar (1964-1985), quando qualquer forma de dissidência política e social era combatida duramente. A comunidade LGBTQIA+ foi um dos alvos de uma repressão estatal (Quinalha, 2022).

A luta pelo reconhecimento das histórias e memórias LGBTQIA+ tem sido uma das principais bandeiras do movimento social dessa comunidade nos últimos anos. Organizações e ativistas têm se dedicado a resgatar essas narrativas esquecidas, buscando dar visibilidade aos episódios de resistência e aos movimentos de afirmação de direitos que ocorreram ao longo da história brasileira. Um exemplo disso é o surgimento da categoria “Museologia LGBT” que vem possibilitando a preservação, difusão e construção dessas memórias (Baptista, Boita e Wichers, 2021). Pesquisas nesse campo tem contribuído para lançar luzes a respeito da inviabilidade das memórias LGBTQIA+ no campo da museologia e até mesmo em outras áreas do saber científico (Souto, Santos e Oliveira, 2024).

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

O movimento LGBTQIA+ no Brasil tem se empenhado em criar espaços de memória e preservação cultural, como museus, centros de documentação e atividades de resgate de histórias orais. Essas iniciativas são fundamentais para que as gerações futuras possam conhecer e compreender as lutas de seus antecessores e para que a sociedade em geral passe a reconhecer a importância da comunidade LGBTQIA+ na construção do país.

O conceito de memória não deve ser entendido apenas como a preservação do passado, mas também como um processo ativo de construção e reconstrução das narrativas históricas. Nesse sentido, a memória não é algo fixo e estático, mas sim um campo dinâmico, sujeito a disputas e interpretações (Baptista e Boita, 2017). É necessário indagar os motivos pelos quais o apagamento das memórias LGBTQIA+ persiste no Brasil contemporâneo. A ausência de políticas públicas mais amplas voltadas para a preservação das histórias LGBTQIA+ e a resistência de setores conservadores em reconhecer a diversidade sexual e de gênero como parte da história nacional ainda são desafios a serem superados.

Nesse contexto, estudos e pesquisas que buscam visibilizar essas memórias são de grande relevância, pois contribuem para difusão do conhecimento e construção de verdadeiros acervos históricos. É justamente nessa direção que o presente artigo pretende caminhar nas seções a seguir.

3. A década de 1990: enfrentamento da AIDS e fortalecimento da organização política do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco

Entre os dias 07 e 13 de janeiro de 1991, a capital pernambucana sediou o 5º Encontro Brasileiro de Homossexuais. Nesse período, Recife foi palco do principal evento realizado no Brasil para discutir a homossexualidade e questões que circulavam em torno dessa temática. Embora muitas pessoas tenham conhecimento da realização do Encontro, um conjunto extremamente restrito de militantes conhece ou já ouviu falar a respeito do organizador do evento. Trata-se de Antônio Peixoto, considerado pioneiro na defesa pública do

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

enfrentamento ao HIV e da luta por políticas públicas de prevenção a novas infecções pelo vírus entre homossexuais.

Estudante de sociologia e ex-funcionário da *Air France*, Peixoto adquiriu notoriedade no início dos anos 1990 por ganhar uma ação judicial condenando a companhia aérea por demiti-lo em função da sua soropositividade. A repercussão do caso resultou na publicação de matérias nos jornais impressos, notícias nos programas de rádio e uma considerável visibilidade ao problema do preconceito contra pessoas vivendo com HIV, sobretudo contra homossexuais. Diante disso, decidiu então fundar o Movimento Antônio Peixoto (MAP), que basicamente contava com a participação única do próprio militante (Laurindo-Teodorescu e Teixeira, 2015).

Apesar de solitária, a experiência do MAP foi pioneira e de grande importância:

O movimento é considerado muito importante por profissionais de saúde, por duas razões. A primeira, porque a aids começava a se disseminar no Recife e as políticas públicas estavam apenas se estruturando. Sua ação solitária demonstrou a importância dos dispositivos jurídicos para defender os pacientes de aids. A segunda se refere ao fato de Peixoto ter sido o primeiro ativista a criar uma ONG direcionada à defesa de homossexuais atingidos pela doença [...] no início dos anos 1990, a prevenção no estado ficou praticamente restrita às palestras de Antônio Peixoto (Laurindo-Teodorescu e Teixeira, 2015, p. 149-150).

A visibilidade adquirida pelo MAP chamou atenção de Grupos de militância de outras regiões do país. Não por acaso, Recife foi escolhida para sediar o 5º EBHO, em 1991, que contou com uma extensa programação. Ao longo de sete dias de evento foram realizadas discussões sobre as interfaces entre homossexualidade e religião, legislação, prostituição, saúde, prevenção e organização política. O Encontro contou com a participação de diversos palestrantes, com destaque para Luiz Mott e o próprio Antônio Peixoto, este último responsável pelo debate a respeito do fortalecimento da militância homossexual no Brasil.

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

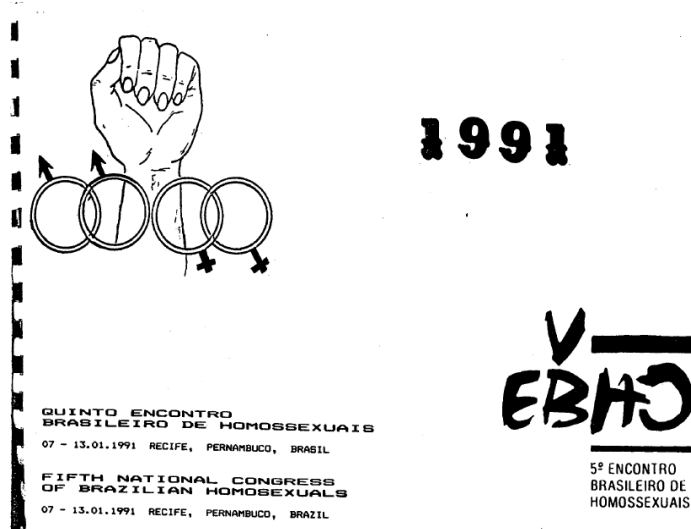
REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

O período de atuação do MAP foi curto, e não foi possível identificar com clareza a data em que sua atuação foi completamente cessada. Relatos de lideranças da época apontaram que o avanço da doença impôs barreiras cada vez maiores ao seu corpo. Militantes do Movimento LGBT de Pernambuco entrevistados para esta pesquisa indicaram que o MAP já não era visto em atividades e eventos por volta de 1994. Além disso, não há registros da participação do MAP na 6ª edição do EBHO, realizada em 1992. Esses dados sugerem que o movimento, embora significativo, teve uma breve existência.

Imagem 1 - Capa do Relatório Final do 5º EBHO.



Fonte: Acervo do Centro de Documentação Luiz Mott (CEDOC LGBTI+), 2021.

Mesmo após reduzir sua atuação militante, Antônio Peixoto continuou incentivando a organização política de homossexuais. Entre 1992 e 1993, recebeu em sua casa, na cidade de Olinda, a visita de um jovem residente no município de Carpina, localizado na Zona da Mata pernambucana, que buscava informações sobre a militância homossexual. Edvaldo Souza, o jovem em questão, foi o fundador do Grupo Satyricon, cujo objetivo principal era fortalecer o

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

combate à discriminação contra homossexuais em regiões interioranas, como o município de Carpina.

O surgimento do Satyricon pode ser considerado inusitado, pois resultou de uma pesquisa realizada para uma feira de ciências de uma escola localizada no município de Carpina. Estudante do que hoje equivale ao ensino médio, Edvaldo Souza reuniu um grupo de colegas, a maioria heterossexuais, e decidiu pesquisar sobre um tema até então bastante nebuloso: a homossexualidade. Esse grupo de estudantes decidiu se nomear "Satyricon" e permaneceu ativo mesmo após a feira de ciências.

Edvaldo Souza, um dos poucos homossexuais do grupo, continuou realizando pesquisas e estabelecendo contatos. Foi assim que chegou até Antônio Peixoto, que lhe ofereceu um panorama do cenário do então Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), compartilhando materiais importantes. As informações obtidas durante a visita instigaram Edvaldo a ampliar a atuação do Satyricon, passando a trocar correspondências com o GGB e recebendo diversos materiais produzidos pela militância homossexual, enviados via correios por Luiz Mott, líder do grupo baiano.

Por volta de 1995, Edvaldo Souza mudou-se para Recife e ampliou sua rede de relações no Movimento. No mesmo ano, participou do 8º EBGL, realizado em Curitiba-PR. Este encontro, considerado um marco, resultou na fundação da ABGLT, a primeira organização de caráter nacional a reunir grupos de todas as regiões do país com o objetivo de combater a discriminação e reivindicar direitos. Além da participação do representante do Satyricon, a assembleia de fundação da ABGLT também contou com a presença de Josenita Ciríaco, liderança do AMHOR, conforme será discutido adiante.

Nucleado na capital pernambucana, o Satyricon passou a contar com outros militantes, como Cristiano Oliveira, Edson Axé e Alexandre Magno. O grupo manteve-se mais ou menos ativo até meados de 2008, quando Edvaldo Souza assumiu o cargo de consultor do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em Brasília, atuando na área de participação e controle social em direitos humanos.

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Durante seus anos de atividade, o Satyricon desempenhou um papel importante no Movimento LGBT pernambucano. Edvaldo Souza, presidente do grupo, representou-o em diversos encontros nacionais do Movimento LGBT, enquanto Cristiano Oliveira foi responsável pela articulação e coordenação da primeira iniciativa de organização de uma Frente Parlamentar de Combate à Homofobia em nível estadual. O Satyricon também foi um dos idealizadores e fundadores do Fórum LGBT de Pernambuco. Além disso, Edvaldo Souza compôs a Direção Nacional da ABGLT em diversas ocasiões entre 1995 e 2008, quando afastou-se da militância por razões profissionais.

Outra militante pernambucana que contribuiu para a fundação da ABGLT, em 1995, foi Josenita Ciriaco. No final da década de 1970, "Nita", como era popularmente conhecida, organizava a festa intitulada "Noite da Metamorfose" em sua residência, localizada no município de Camaragibe. Em meados da década de 1980, o evento resultou na criação de um espaço de convivência para troca de experiências e discussões sobre a homossexualidade em uma perspectiva acolhedora. Considerando o contexto de grande preconceito contra homossexuais na época, o espaço cedido e fomentado por Nita estabeleceu-se como uma rede de apoio mútuo, posteriormente reconhecida como um grupo de militância homossexual denominado AMHOR.

Em Pernambuco, o AMHOR nasce com a necessidade de pensar inicialmente os processos das pessoas para se reconhecerem enquanto homossexuais, para depois pensar na atuação política, com influência acadêmica, pois os fundadores vinham de formação teológica e dos movimentos sociais de base da Igreja Católica (Lemos, 2019, p. 141).

Muitos dos frequentadores da festa Metamorfose eram estudantes que residiam em Recife, com participação nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), possuíam formação teológica e acadêmica. Tendo contato com organizações sociais, despertaram o interesse de transformar o grupo informal que organizava a festa em uma organização formal. Ao receber a proposta que nomeava a organização como "Articulação e Movimento Homossexual do

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Recife”, Josenita fez uma ressalva, apontando que Camaragibe não pertencia à cidade do Recife, sendo um município autônomo. A partir disso, o grupo foi denominado de Articulação e Movimento Homossexual do Recife e Região Metropolitana, recebendo a sigla AMHOR. A ata de fundação, datada do ano de 1991, só foi registrada em 1998 no município de Jaboatão dos Guararapes. Sua primeira direção foi composta por: Mário Israel Oliveira, José Lucimar Lourenço da Silva, Aldenice Maria de Lima, Cleide Maria Evaristo da Silva e Josenita Duda Ciríaco (Lemos, 2019).

Apesar do registro civil e da inscrição como pessoa jurídica terem ocorrido somente no ano de 1998, o AMHOR passou a realizar atividades na região metropolitana do Recife e a participar de encontros nacionais já no início dos anos 1990. Há registros da participação do grupo em diversos eventos, tais como: no 7º EBLHO, que ocorreu no ano de 1993, em Cajamar-SP; no 8º EBGL, que teve lugar em Curitiba-PR, cuja principal deliberação foi a criação da ABGLT; no 1º SENALE, realizado em 1996 no Rio de Janeiro; no 9º EBGLT, sediado em São Paulo, no ano de 1997; e na 18ª Conferência da ILGA WORLD, realizada na Alemanha, também no ano de 1997.

Representando o AMHOR, Josenita Ciríaco foi eleita Secretária Adjunta Regional Nordeste na primeira composição da direção nacional da recém-fundada ABGLT, em 1995. Ocupando esse espaço, contribuiu com o fortalecimento dos grupos de militância da região. A partir de então, eleição após eleição, um representante de Pernambuco foi eleito para o cargo da Secretaria Regional Nordeste na direção nacional da ABGLT. A preocupação em fomentar e fortalecer o movimento LGBT no Nordeste é uma característica interessante dos grupos originados em Pernambuco. É necessário relembrar que o GATHO organizou o 1º EGHON, em 1981, buscando justamente fomentar a criação de novos grupos e estabelecer maior articulação regional entre as organizações existentes.

Além do protagonismo de Josenita, o AMHOR também se destacou a nível local e nacional a partir da militância de Íris de Fátima. Natural da Paraíba, mudou-se para Pernambuco no início da década de 1990, após ser aprovada em um concurso público,

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

passando a fazer parte do quadro estadual de servidores da saúde. Ainda no início de sua carreira como servidora, integrou-se ao movimento sindicalista através do Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Seguridade Social de Pernambuco (SindSaúde/PE) (Lemos, 2019). Atuando no movimento sindical, despertou interesse e conquistou expertise em processos de articulação política e de controle social do sistema de saúde.

Entre os anos de 1996 e 1997, Íris de Fátima foi convidada a ingressar no AMHOR e, juntamente com Josenita, potencializou a atuação do grupo. Participante do I SENALE, em 1996, no Rio de Janeiro, ministrou uma oficina sobre controle social no evento, com o objetivo de formar lideranças lésbicas para a construção de políticas públicas de saúde voltadas às suas demandas específicas junto aos órgãos locais de gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) nas diversas regiões do país.

O AMHOR, que iniciou sua atuação como um grupo misto, formado por homens e mulheres homossexuais, passa então a ser uma referência de organização de defesa e combate à discriminação e defesa dos direitos de lésbicas. Assim como Edvaldo Souza e Josenita Caríaco, Íris de Fátima, na condição de representante do AMHOR, ocupou espaços na Direção Nacional da ABGLT e foi uma das fundadoras da ABL (Lemos, 2009). Em nível local, Íris contribuiu com a fundação e atuou na coordenação do Fórum LGBT de Pernambuco; integrou o Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE), provocando intensos debates sobre o lugar das mulheres lésbicas no movimento feminista; e é tida como uma das principais lideranças responsáveis pela ampliação da visibilidade lésbica nas agendas de reivindicação e nos espaços de direção do movimento LGBT no Brasil.

No contexto da segunda metade dos anos 1990, o AMHOR, através da militância de Íris de Fátima e Josenita, articulava-se com outros grupos organizados na defesa da comunidade homossexual e no enfrentamento da discriminação. Nesse período, além do Satyricon e do AMHOR, outras organizações que se destacaram foram o Grupo Gay de Pernambuco (GGP), o Via Láctea e Os Defensores, com destaque para este último.

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Fundado em Olinda no ano de 1998 por Alessandro Monte, Luiz Amorim e José Botelho, o grupo denominado Os Defensores se destacou pelas ações de prevenção ao HIV realizadas na Região Metropolitana do Recife. Percorrendo os principais pontos de prostituição nas ruas da Aurora e Mário Melo, no bairro de Santo Amaro da capital pernambucana, Os Defensores distribuíam preservativos, material informativo e prestavam orientação para travestis e transexuais que atuavam como profissionais do sexo nessas localidades, buscando levar informações sobre prevenção ao HIV numa linguagem acessível e próxima da realidade dessas trabalhadoras.

Embora fossem prioritárias, as ações de prevenção realizadas pelos Defensores não eram restritas à comunidade de homossexuais e de travestis. Os militantes do grupo também realizaram uma série de intervenções em diversos espaços, como nas festas de carnaval e nas festas juninas. Em geral, as ações ocorriam em Olinda e Recife, estendendo-se eventualmente para outras cidades da região metropolitana.

Em meados de 1997, o baiano Alessandro Monte mudou-se para Pernambuco, instalando-se na cidade de Olinda. Nesse mesmo ano, passou a frequentar o circuito “GLS” da capital pernambucana, sobretudo o bar Pit House e o Parque Treze de Maio, ambos localizados no bairro da Boa Vista, em Recife. Nesses espaços, obteve informações sobre algumas ações de combate à discriminação contra homossexuais realizadas em Recife e a existência de reuniões dessa militância que ocorriam na sede do Sindicato dos Bancários de Pernambuco, também sediado no bairro da Boa Vista.

Realizadas sempre ao final da tarde, essas reuniões contavam com a frequência de representantes do AMHOR, Satyricon e de militantes independentes. As pautas geralmente versavam sobre a divulgação de eventos e o relato de casos de discriminação. Incomodado com a baixa objetividade dos encontros em termos de definição de construção de agendas e ações, Alessandro Monte passou a questionar o propósito daquele espaço e apresentar críticas aos modos de atuação dos grupos até então existentes. Desse processo, duas novas organizações foram criadas: Os Defensores, em Olinda, e o Via Láctea, em Recife.

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Além das ações de prevenção, o grupo Defensores destacou-se também pela busca de visibilidade das demandas do movimento LGBT na imprensa, dando início a uma estratégia predominante na década de 2000. Tendo o formato de ONG, com CNPJ, sede e estrutura formal, Os Defensores contaram também com uma assessoria de imprensa que articulava a publicação de matérias sobre o problema da violência contra homossexuais e travestis na cidade do Recife. O objetivo era dar visibilidade a essa problemática e à ausência de políticas públicas de combate à discriminação.

Noutra frente, Os Defensores seguiam sendo precursores de ações até então inéditas no contexto da militância LGBT em Pernambuco. Nas eleições municipais de 2000, em parceria com o Movimento Negro Unificado (MNU), o grupo organizou um debate com os candidatos à Prefeitura do Recife para fomentar a construção de propostas de políticas públicas com foco na promoção da cidadania LGBT e da igualdade racial. No ano seguinte, em 2001, Os Defensores realizaram a primeira tentativa de organização de uma Parada do Orgulho LGBT em Pernambuco. O evento ocorreu no Parque Treze de Maio e, apesar do público limitado, foi importante em termos de visibilidade.

Alessandro Monte, presidente dos Defensores, também ocupou espaços na Direção Nacional da ABGLT e é apontado como uma das principais lideranças do movimento LGBT pernambucano entre o final da década de 1990 e o início dos anos 2000. A liderança dos Defensores tanto em termos de projeção quanto na realização de ações entrou em declínio com o surgimento do Movimento Leões do Norte, em 2001.

Perdendo espaço e protagonismo, Os Defensores foram se desarticulando e encerraram suas ações enquanto grupo organizado poucos anos depois. Alessandro Monte, sua principal liderança, seguiu atuando de forma independente, fomentando ações e reivindicando políticas públicas de combate à discriminação no município de Olinda.

Para concluir o mapeamento das principais organizações da década de 1990, convém destacar a importância da Articulação AIDS Pernambuco. Fundada em 1996, a instituição é considerada pioneira no país por ser o primeiro fórum no Brasil a congregar grupos, redes,

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

movimentos e ativistas independentes que atuam no campo da prevenção às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e ao HIV.

A experiência da Articulação AIDS contribuiu, conforme será apresentado a seguir, com o surgimento do Fórum LGBT de Pernambuco, principal espaço de interlocução dos grupos de militância por respeito à diversidade sexual e de gênero no estado.

4. Primeira década dos anos 2000: surgimento do Leões do Norte e de uma nova perspectiva de militância

O surgimento da organização Leões do Norte inaugura um novo período no Movimento LGBT em Pernambuco. Se na década de 1990 os Grupos organizados existentes trabalhavam numa perspectiva de parceria tendo pequenos conflitos pontuais, a partir da fundação dos Leões esse cenário se modifica completamente.

A chegada de uma nova organização mais estruturada do ponto de vista dos recursos financeiros, humanos e materiais provocou um conjunto de disputas internas que resultou no encerramento de alguns Grupos, surgimento de outros e o estabelecimento de uma nova perspectiva de atuação política para o Movimento LGBT pernambucano.

A fundação oficial, em 2001, do Movimento Gay Leões do Norte¹ é resultado de uma série de acontecimentos ocorridos nos anos anteriores. Na segunda metade da década de 1990, Rinaldo Pereira, um dos fundadores do GATHO, conheceu e passou a namorar Sérgio Moura, um jovem que atuava profissionalmente como impressor gráfico do Sindicato dos Trabalhadores Públicos Federais em Saúde e Previdência Social no Estado de Pernambuco (Sindsprev/PE). Nessa relação, Sérgio Moura conheceu em detalhes a trajetória do GATHO e compartilhou os relatos com outro funcionário do Sindicato, Wellington Medeiros, que atuava como digitador da instituição.

¹ Atualmente denomina-se Movimento LGBT Leões do Norte.

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

A partir disso, Sérgio Moura e Wellington Medeiros passaram a se interessar e buscar informações a respeito da militância LGBT da época com o objetivo inicial de apoiar os Grupos então existentes por meio da estrutura de recursos disponível no Sindsprev/PE. As conversas realizadas com lideranças dos principais Grupos em atuação causaram inquietação nos funcionários do Sindicato. Com formação sindical de base marxista, defendiam que os Movimentos Sociais deveriam ter um programa de agendas de reivindicações ao Estado e capacidade de articulação política para pressionar pela transformação dessas agendas em políticas públicas. Faltava ao Movimento LGBT em Pernambuco, no entendimento dos fundadores do Leões do Norte, a definição de um projeto político com objetivos claros e estratégias para concretizá-los.

Apesar da visão crítica dos funcionários do Sindsprev/PE, os Grupos pernambucanos então existentes seguiam com protagonismo no cenário nacional do Movimento LGBT. Em maio de 2001, por articulação dos militantes pernambucanos, o estado sediou a 6ª Assembleia Geral da ABGLT, realizada no hotel Barramares localizado no município de Jaboatão dos Guararapes. Ao final da Assembleia Edvaldo Souza (Satyricon), Josenita Ciríaco (AMHOR)² e Alessandro Monte (Os Defensores), foram eleitos para nova composição da Direção Nacional da ABGLT³.

Insatisfeitos com a perspectiva de militância dos Grupos que existiam na época, Sérgio Moura e Wellington Medeiros resolveram organizar um seminário para discutir a importância da organização política de gays, lésbicas e travestis para enfrentar à discriminação e reivindicar políticas públicas. O seminário financiado pelo Sindsprev/PE foi realizado no Plaza Hotel, localizado no bairro da Boa Vista em Recife, no ano de 2002⁴. Entre os convidados estavam Rinaldo Pereira, fundador do GATHO, e membros da direção do

² Em 2003, Josenita Ciríaco deixou o AMHOR após uma série de divergência internas e fundou a Articulação de Mulheres Entendidas (AME).

³ Edvaldo Souza foi eleito Tesoureiro-Geral, Josenita Ciríaco 2ª Tesoureira e Alessandro Monte Secretário de Comunicação. Monte também contribuiu com a condução dos trabalhos da assembleia, segundo os registros da Ata da Assembleia Geral.

⁴ O seminário foi realizado em 23 de março de 2002.

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Sindicato, a exemplo de Isaltino Nascimento⁵ e Socorro Cadengue⁶. No decorrer das discussões ao longo do evento, os presentes convergiram na importância de fortalecer o recém-criado Movimento Gay Leões do Norte.

Sérgio Moura e Wellington Medeiros já vinham sendo provocados a liderar a fundação de uma nova organização por Isaltino Nascimento desde meados do segundo semestre de 2000, ano em que o líder sindical foi eleito vereador da cidade do Recife. A partir desse período, os funcionários do Sindsprev/PE começaram a se inserir nas diversas atividades que vinham sendo realizadas pela ABGLT, quando tiveram a oportunidade de participar de uma das oficinas do Projeto Somos realizada em Salvador no mês de dezembro de 2001.

O Projeto Somos foi idealizado pela Associação para a Saúde e Cidadania Integral na América Latina e Caribe (ASICAL), sendo realizado em parceria entre a ABGLT e o Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids (DST/AIDS)⁷ do Ministério da Saúde (Reis e Harrad, 2005). Suas linhas de ação compreendiam: 1- Desenvolvimento organizacional dos Grupos do então Movimento de Gays, Lésbicas e Travestis (GLT)⁸, por meio da organização burocrática das instituições com a construção de estatutos, registros em cartório e inscrição como pessoas jurídicas; 2- Advocacy, privilegiando a formação de lideranças do Movimento para articular a criação de políticas públicas de prevenção ao HIV e de combate à homofobia; e 3- Intervenção, por meio da realização de ações de prevenção e cidadania junto à comunidade GLT.

O Projeto Somos foi executado pelas afiliadas da ABLGT entre 1999 e 2007 em todos os estados brasileiros, atingindo aproximadamente 200 organizações. Apesar de ter foco prioritário em ações de combate à epidemia de HIV/AIDS, o projeto contribuiu efetivamente para o fortalecimento, interiorização e ampliação do número de Grupos com atuação no campo do Movimento LGBT no Brasil. As oficinas do Projeto Somos ocorriam através dos

⁵ Coordenador Geral do Sindsprev nesse período.

⁶ Então Secretária de Formação do Sindsprev.

⁷ Atualmente a expressão foi substituída por Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).

⁸ Sigla utilizada na época.

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

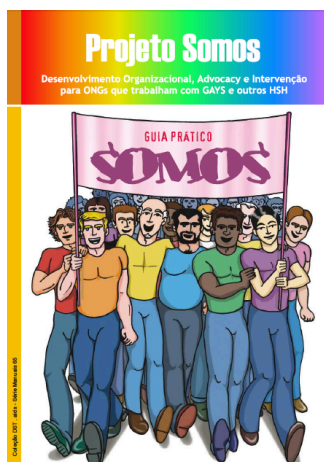
REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Centros Regionais de Capacitação e Assessoria. Designados pela ABGLT, os Centros eram coordenados por Grupos mais estruturados com capacidade de oferecer assessoria e capacitação as novas instituições que estavam sendo criadas. A coordenação do Centro Regional instalado em Pernambuco coube ao Satyricon. Outros estados do Nordeste também abrigaram Centros Regionais, a exemplo de Alagoas, Bahia, Ceará e Maranhão⁹. Foi justamente em uma Oficina do Projeto Somos realizada em Salvador, no ano de 2001, que o Grupo surgido no âmbito do Sindsprev/PE foi denominado Movimento Gay Leões do Norte e passou a existir oficialmente¹⁰.

Imagem 2 - Capa do Guia Prático do Projeto Somos.



Fonte: Ministério da Saúde. 2005.

Marcelo Nascimento, então presidente do Grupo Gay de Alagoas (GGAL) e recém-eleito Presidente da ABGLT durante a 6ª Assembleia Geral da entidade, retornou ao estado de Pernambuco algumas vezes no ano de 2001 na tentativa de construir pontes entre os funcionários do Sindsprev/PE e as organizações então existentes. Em uma das tentativas,

⁹ Foram coordenados respectivamente pelas seguintes organizações: Grupo Gay de Alagoas (AL), Grupo Gay da Bahia (BA), Grupo de Resistência Asa Branca (CE) e Gayvota (MA).

¹⁰ Inspirado pela composição “Leão do Norte” de Lenine e Paulo César Pinheiro, o impressor gráfico Sérgio Moura sugeriu o nome do Grupo.

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Marcelo Nascimento sugeriu que ingressassem no Grupo Os Defensores, liderado por Alessandro Monte. Todavia, o arranjo sugerido pelo então presidente da ABGLT não avançou, e a fundação oficial do Leões do Norte encerrou qualquer possibilidade dessa composição.

A relação com um dos mais importantes e influentes sindicatos de Pernambuco proporcionou aos Leões uma estrutura de recursos até então desconhecida por outras organizações. O Grupo dispunha de estrutura para impressão de materiais, carros de som para organização de mobilizações de rua, espaço físico bem localizado para realização de reuniões e apoio político das lideranças do Sindsprev/PE. Com isso, passou a liderar o Movimento LGBT pernambucano tanto em número de ações quanto em projeção pública.

Em junho de 2002, o Movimento Leões do Norte organizou a realização da 1ª Parada da Diversidade de Pernambuco. O evento ocorreu na Avenida Conde da Boa Vista, tendo como ponto de concentração a frente do Bar Mustang, e contou com um público estimado em 5.000 participantes. Apesar de ter idealizado e articulado a realização da Parada, as lideranças do Leões do Norte adotaram a estratégia de integrar outras instituições na organização do evento, a exemplo do AMHOR, Satyricon, Articulação AIDS Pernambuco, Instituto Papai, Gestos, prefeituras de diversos municípios da região metropolitana e estabelecimentos comerciais do Mercado GLS.

A 2ª edição da Parada ocorreu no ano seguinte, em 2003. Conduzida novamente pelo Leões do Norte, contou, desta vez, com maior participação e engajamento de outras organizações. O sucesso do evento ficou evidente com a notável ampliação do público participante em relação à edição anterior. Entrevistas nos principais veículos de comunicação do estado passaram a ser concedidas para falar sobre combate à discriminação, políticas públicas específicas para o segmento e a importância da mobilização para o enfrentamento da homofobia. Uma mudança efetiva no modo de abordagem da imprensa sobre as questões de diversidade sexual começava a ser provocada. Se até pouco tempo prevalecia a ênfase nos

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

crimes cometidos por homossexuais e travestis, esse cenário começou a ser gradativamente alterado a partir do crescimento exponencial da Parada da Diversidade de Pernambuco.

A organização de um evento de grande porte como a Parada também trouxe outras implicações para o Movimento LGBT pernambucano. Os Grupos passaram a se reunir de forma mais regular para discutir a construção do evento, e a visibilidade adquirida com ele contribuiu para a ampliação dos canais de diálogo com o Poder Público.

Os conflitos também se ampliaram. Dispondo de maior estrutura e articulação política, o Leões do Norte acabava sendo percebido pelos agentes externos ao Movimento, a exemplo do Governo do Estado, como uma espécie de representante e líder das demais organizações. Para equacionar todas essas questões e aliviar as tensões existentes, funda-se o Fórum LGBT de Pernambuco.

Inspirados pelo Movimento Feminista e pelo Movimento AIDS, através, respectivamente, das experiências do Fórum de Mulheres de Pernambuco e da Articulação AIDS Pernambuco, os Grupos do Movimento LGBT resolveram criar uma instância de construção coletiva. Assim, o Fórum surgiu com o objetivo de ser um espaço de articulação política dos movimentos sociais com atuação na defesa de direitos humanos e na promoção do respeito à diversidade sexual. Seu lançamento oficial ocorreu em 20 de abril de 2004, em evento realizado na sede da ONG Feminista SOS Corpo, e contou com a presença de diversos convidados, tais como o professor Luiz Mott, então membro da Direção Nacional da ABGLT. Personalidades políticas, lideranças sindicais e de outros movimentos sociais também se fizeram presentes. A partir de então, a Parada da Diversidade deixa de ser um evento organizado pelo Movimento Leões do Norte e passa a ser construída por um conjunto mais amplo de Grupos articulados no Fórum LGBT de Pernambuco.

No mesmo ano, 2004, o Leões do Norte passou a promover de forma regular, em todas as eleições, um debate entre os candidatos à chefia do Executivo da capital pernambucana e do governo estadual. Realizados sempre em um espaço de sociabilidade da comunidade LGBT, como no Clube Metrópole, o evento tem se mostrado como um espaço de visibilidade

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

e de apresentação de reivindicações de direitos a políticos de diferentes agremiações partidárias e filiações ideológicas. Com o apoio do Fórum LGBT de Pernambuco e do Clube MetrÓpole, o debate organizado pelo Leões tem sido noticiado pela imprensa e contado com a presença da maioria dos candidatos aos cargos eletivos em disputa.

Além de contribuir com a consolidação da Parada da Diversidade e com as demais ações que vinham sendo realizadas pelo Leões do Norte, o processo de fundação do Fórum também colaborou para a aproximação do Movimento LGBT pernambucano com outros movimentos sociais e organizações da sociedade civil, a exemplo do Instituto Papai. Fundado em 1997, em Recife, a ONG surgiu com a missão de promover a cidadania e a justiça social, atuando prioritariamente com homens e sobre masculinidades. Sua aproximação com o Movimento LGBT se deu no contexto das primeiras edições da Parada da Diversidade, passando também a integrar o Fórum LGBT de Pernambuco.

Desde o seu surgimento, o Papai manteve forte relação com o campo acadêmico. Seus fundadores, Benedito Medrado e Jorge Lyra, tornaram-se professores da UFPE, ampliando ainda mais o desenvolvimento de atividades de pesquisa e extensão por meio de um processo de mútua colaboração entre a ONG e a universidade. O Grupo de Pesquisa coordenado pelos professores, o GEMA-UFPE, também foi envolvido nas atividades.

A imagem 3 abaixo apresenta uma das iniciativas do GEMA e do Instituto Papai em parceria com o Fórum LGBT de Pernambuco. A exposição virtual “Memórias de Futuro” apresentou os cartazes e informações importantes das edições da Parada da Diversidade realizadas entre 2002 e 2013; posteriormente, também foram inseridos os cartazes das edições realizadas nos anos de 2014, 2015 e 2016.

A exposição foi um dos produtos resultantes do projeto de pesquisa e intervenção política “Fabricações de Gênero: memórias, verdades e processos de subjetivação na trilha dos Movimentos político-culturais LGBT nas Regiões Nordeste e Norte do Brasil”, coordenado pelo professor Benedito Medrado.

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

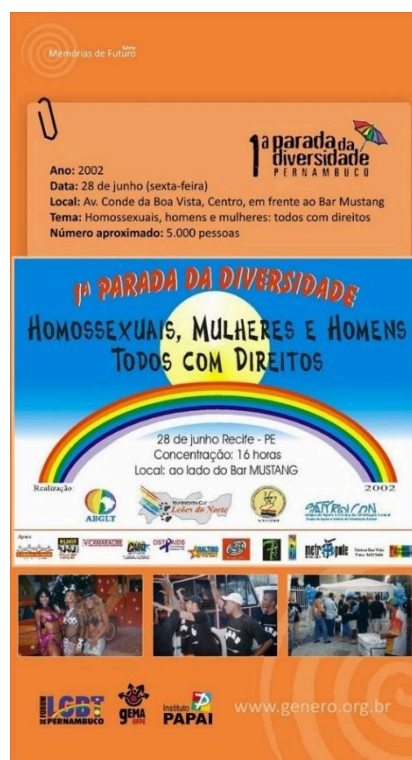
EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Imagem 3 - Exposição Virtual Memórias da Parada da Diversidade de Pernambuco: cartaz da 1ª edição.



Fonte: <http://paradadiversidade.blogspot.com/>

A atuação do Papai e do GEMA resultou numa série de ações como formações para lideranças e Grupos do Movimento, realização de pesquisas sobre violência homofóbica em Pernambuco (Carrara *et al*, 2007) e aperfeiçoamento no processo de organização da Parada da Diversidade. A relação dessas instituições com a militância LGBT também foi permeada por alguns conflitos. Durante alguns anos houve uma espécie de veto a ocupação da coordenação colegiada do Fórum LGBT de Pernambuco pelo representante do Instituto Papai na articulação, Thiago Rocha.

Entendia-se que o Instituto não se tratava de uma organização do Movimento LGBT, portanto não possuía legitimidade para ocupar tal espaço de condução dos trabalhos. Esse

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

entendimento foi sendo gradativamente superado e o Instituto, através do seu representante, foi eleito para o espaço de coordenação.

Além dos processos que envolvem a relação com a academia, outra disputa relevante que ocorreu no âmbito do Fórum LGBT de Pernambuco diz respeito ao protagonismo das militantes Lésbicas. A articulação já nasceu adotando a sigla “LGBT”, trazendo o “L” na frente das demais identidades. Isso é particularmente relevante quando se observa que entre 2003 e 2004, ano de fundação do Fórum, ainda prevalecia o uso da sigla “GLBT” pelos movimentos sociais que atuavam no campo da diversidade sexual e de gênero no Brasil.

O debate a respeito da visibilidade lésbica no âmbito das lutas de combate à discriminação por intolerância à diversidade sexual remonta a década de 1980, ainda na experiência dos primeiros Grupos organizados. Todavia, é a partir da realização do 1º SENALE, em 1996, no Rio de Janeiro que a discussão passa a ganhar maior capilaridade entre a militância. Íris de Fátima e Josenita Ciríaco, então militantes do AMHOR, estiveram entre as lideranças lésbicas que protagonizaram essa discussão no país.

Mais tarde, entre os anos de 2003 e 2004 no processo de construção do Fórum LGBT de Pernambuco, Íris de Fátima articulou junto com outras militantes lésbicas a configuração que mantinha o “L” como primeira letra da sigla que buscava sintetizar a representação da diversidade de identidades sexuais e de gênero não hegemônicas. Tal configuração só foi possível devido a forte atuação das militantes lésbicas no contexto de fundação do Fórum e o Movimento pernambucano foi um dos pioneiros nesse sentido no contexto brasileiro.

Além do AMHOR, através da representação de Íris de Fátima, outras organizações de mulheres também tiveram participação ativa no período inicial de estruturação do Fórum, tais como: Grupo DIVAS – Instituto de Defesa da Diversidade Sexual; Centro das Mulheres do Cabo; e Grupo LUAS – Liberdade e União Afetivo-sexual de Mulheres Lésbicas e Bissexuais de Pernambuco.

O DIVAS esteve diretamente envolvido no processo de fundação do Fórum LGBT de Pernambuco através de sua principal liderança, Marylucia Mesquita Palmeira. Assistente

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

social formada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), mudou-se do seu estado natal para Pernambuco onde realizou o curso de mestrado em serviço social pela UFPE. Também inseriu o DIVAS no Fórum de Mulheres de Pernambuco sendo protagonista na defesa da visibilidade lésbica e na luta contra as opressões machistas e lesbofóbicas.

Em 2006, o Grupo DIVAS participou da organização da 6ª edição do SENALE que foi realizada em Recife. O evento reuniu 246 lideranças lésbicas de todas as regiões do país na capital pernambucana. A programação do Seminário cujo tema foi “Movimento de Mulheres Lésbicas como Sujeito Político: Poder e Democracia”, contou com diversas mesas de debates e de atividades culturais, a exemplo do espetáculo “Qual é a bronca?”, encenado pelo Grupo de Teatro Loucas de Pedra Lilás (Mesquita, 2008).

Além de destacar-se na militância junto ao DIVAS, Marylucia Mesquisa também atuou no Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), desenvolvendo uma série de ações tanto a nível nacional, como também em nível estadual nos conselhos regionais de Pernambuco e do Ceará¹¹. Entre 1999 e 2015, a fundadora do DIVAS ocupou diferentes cargos na Direção do CFESS, atuando como Coordenadora da Comissão de Ética e Direitos Humanos da entidade representativa dos profissionais da assistência social na gestão 2011-2014.

As ações de combate à homofobia do CFESS lideradas por Marylucia Mesquista conferiram grande visibilidade a entidade de classe que acabou sendo eleita para composição do CNCD-LGBT no biênio 2013-2015. Na ocasião, a fundadora do DIVAS foi indicada pelo CFESS e atuou como Conselheira Nacional LGBT, sendo uma das responsáveis pela organização da 3ª Conferência Nacional LGBT realizada no ano de 2016, em Brasília. Lamentavelmente, foi acometida por uma série de fragilidades e agravos de saúde mental, falecendo no ano de 2017¹². O acontecimento teve grande repercussão entre as principais

¹¹ Sua atuação de destaque junto ao CRESS e ao Movimento LGBT do Ceará resultou em um convite para assumir a Coordenadoria da Diversidade Sexual da Prefeitura de Fortaleza, cargo que ocupou entre 2010 e 2012.

¹² A notícia que Marylucia Mesquita cometeu suicídio em dezembro de 2017 chamou atenção para os processos de agravos de saúde mental vivenciados por diversas lideranças do Movimento LGBT no Brasil. Muitas notas de

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

lideranças do Movimento LGBT brasileiro, levando a uma maior discussão a respeito dos processos de autocuidado e de atenção à saúde mental de ativistas.

O Centro das Mulheres do Cabo (CMC) foi outra organização cuja contribuição foi relevante para o Fórum LGBT de Pernambuco. Seu surgimento remonta a década de 1980, tendo sido fundado oficialmente no ano de 1984. Surgiu no município do Cabo de Santo Agostinho, Região Metropolitana do Recife, no contexto das lutas pela redemocratização com o objetivo de enfrentar as desigualdades de gênero. Em 1989, contribuiu com a construção do Fórum de Mulheres de Pernambuco. No final da década de 1990, após intensos debates internos, as demandas de mulheres lésbicas passaram a entrar na ordem do dia do CMC a partir das provocações de Micheline Américo, uma das funcionárias da instituição que atuava na coordenação do eixo de direitos reprodutivos e sexuais.

Passando a representar o CMC no Fórum de Mulheres de Pernambuco, Micheline Américo conheceu Josenita Ciríaco e Íris de Fátima, tendo uma rápida passagem pelo AMHOR. Nessa articulação estadual do movimento feminista, se somou a outras vozes na reivindicação por visibilidade e respeito as demandas das mulheres lésbicas. Jornalista de formação, contribuiu efetivamente no processo de fundação do Fórum LGBT de Pernambuco e na organização de diversas edições da Parada da Diversidade.

A atuação de Micheline Américo juntamente com outras militantes lésbicas no Fórum LGBT de Pernambuco é tida como de grande relevância para a afirmação da identidade lésbica no contexto da militância LGBT pernambucana. Mesmo após se afastar do CMC e do Fórum de Mulheres de Pernambuco, Micheline Américo se inseriu e passou a colaborar com outras organizações do Movimento LGBT, a exemplo do CANDACES, organização nacional de lésbicas e bissexuais feministas e negras, fundada em 2007.

Em Pernambuco, o CANDACES teve Rivânia Rodrigues como principal articuladora no seu processo de fundação. Feminista, lésbica, negra, militante partidária bastante ativa no

pesar foram publicadas, lamentando a partida precoce de “Marynha”, como era carinhosamente chamada pelos colegas: <http://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/1444>.

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

PT, atuou como assessora da Gerência de Livre Orientação Sexual (GLOS) da Prefeitura do Recife. Posteriormente, em 2009, assumiu o posto de Gerente do departamento e foi responsável por coordenar as ações de combate à discriminação e promoção da cidadania LGBT no governo municipal da capital pernambucana.

A atuação de Rivânia Rodrigues junto aos movimentos sociais antecede a sua participação no CANDACES. Já no início dos anos 2000 se inseriu em organizações feministas. Também mantinha militância ativa nas bases do PT, motivo pelo qual foi convidada a assumir cargos de livre nomeação na Prefeitura do Recife durante os governos dos prefeitos João Paulo e João da Costa. Anos depois, em 2016, foi eleita Secretária LGBT do PT de Pernambuco. Paralelamente a militância partidária, ampliou sua atuação nos movimentos sociais após ter deixado o posto de Gerente da GLOS, em 2012. Alguns anos depois, assumiu a coordenação colegiada do Fórum LGBT de Pernambuco. Em 2009, ainda na condição de Gerente da GLOS, contribuiu com a fundação do Coletivo de Lésbicas e Mulheres Bissexuais de Pernambuco (COMLESBI)¹³ juntamente com outras militantes.

O surgimento do COMLESBI reflete o fortalecimento das articulações entre as militantes lésbicas no Movimento LGBT em Pernambuco. Embora também tenha sido permeado por conflitos, esse processo resultou em importantes conquistas. No âmbito da sociedade civil, o período de 2001 a 2010 foi marcado pela ampliação da visibilidade das agendas de reivindicação das militantes lésbicas. Já no âmbito governamental, a partir das interações estabelecidas com o poder público, se inicia a construção de ações governamentais e políticas específicas para atendimento das reivindicações apresentadas.

Nesse contexto, outra organização de destaque é o Grupo Liberdade e União Afetivo-sexual de Mulheres Lésbicas e Bissexuais de Pernambuco (LUAS). A criação do Jornal LUAS no ano de 2006 antecede o surgimento do Grupo de Militância. A publicação do periódico foi idealizada pelas militantes lésbicas e feministas Ana Carla Lemos e Elisângela

¹³ Inicialmente, na fundação do coletivo, adotou-se a sigla COMLES. Posteriormente, já em 2018, em decorrência das discussões realizadas nas últimas edições do SENALESBI, o coletivo passou a adotar a sigla COMLESBI.

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Nunes. O Jornal trazia textos sobre relações amorosas entre mulheres, compartilhava eventos culturais e espaços de sociabilidade LGBT em Recife, além de divulgar ações de militância e de enfrentamento à discriminação (Lemos, 2019).

A partir de 2007, o LUAS se estabelece como Grupo de militância com ênfase na defesa dos direitos de lésbicas em Pernambuco, desenvolvendo uma série de ações de grande visibilidade, a exemplo da fixação de outdoors no dia das mães com uma fotografia de uma das fundadoras do LUAS acompanhada da sua companheira e da sua filha¹⁴. O Grupo teve grande relevância na fundação e estruturação do COMLESBI e realizou diversas atividades formativas que tiveram como público-alvo militantes lésbicas e mulheres interessadas em conhecer e atuar no movimento lésbico.

No âmbito da 3ª Conferência Estadual LGBT de Pernambuco realizada em 2016, Ana Carla Lemos, principal liderança do LUAS, destacou-se por articular a eleição de um número significativo de militantes lésbicas para etapa nacional do evento, mediando uma série de conflitos entre lideranças do movimento de lésbicas e de mulheres trans. Ao longo de sua trajetória, o LUAS se inseriu em diversos espaços de controle social como os Conselhos Estaduais de Juventude e LGBT.

O processo de fortalecimento e o nível de organização dos Grupos de lésbicas e mulheres bissexuais no período de 2001 a 2010 no enfrentamento da lesbofobia contrasta com a baixa representação de travestis e mulheres trans no âmbito do Movimento LGBT pernambucano no mesmo período. É somente no ano de 2008 que ocorre a fundação da Articulação e Movimento de Travestis e Transexuais de Pernambuco (AMOTRANS), primeira organização desse segmento no estado.

¹⁴ A campanha foi realizada em 2008 e teve grande repercussão social, resultando em diversas reportagens de diferentes veículos de comunicação em Pernambuco. O financiamento para fixação dos Outdoors e realização da campanha ocorreu através do Fundo Ângela Borba, atualmente denominado Fundo ELAS. A iniciativa denominada “Uma mãe ama e protege, duas mães amam e protegem”, foi amplamente reconhecida por diversos setores da sociedade e foi premiada pelo Ministério da Cultura.

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

O surgimento da AMOTRANS está diretamente relacionado ao Projeto Tulipa. Executado pela ANTRA a partir de 2003 com apoio da Associação Pathfinder do Brasil e do então Departamento de DST/AIDS do Ministério da Saúde, o Tulipa fomentou o desenvolvimento de uma série de ações de prevenção e de incentivo a criação de organizações locais de travestis e transexuais em todas as regiões do país. Com um modelo metodológico semelhante ao Projeto SOMOS, realizou a formação de lideranças regionais que ficaram responsáveis pelo acompanhamento das suas respectivas regiões, estimulando a fundação de Grupos organizados de travestis e transexuais e prestando apoio as organizações já existentes.

Em meados de 2008, Pernambuco era o único estado do nordeste que não contava com uma organização específica de travestis e mulheres transexuais. Através das ações do Projeto Tulipa, houve a realização de uma série de atividades e reuniões que resultaram na fundação da AMOTRANS em 16 de maio de 2008. A criação da uma organização específica desse segmento social já vinha sendo estimulada pelo Movimento Leões do Norte, todavia é somente com a iniciativa executava pela ANTRA que a primeira organização de travestis e transexuais surge no contexto do Movimento LGBT pernambucano.

Pouco tempo após a fundação da AMOTRANS, a organização passou a ser liderada por Chopelly Santos. Técnica em enfermagem e servidora pública, se aproximou dos movimentos sociais a partir de atendimentos recebidos no Centro de Referência LGBT localizado em Recife, equipamento a época coordenado pelo Movimento Leões do Norte¹⁵. Sob a liderança de Chopelly Santos, a AMOTRANS passou desenvolver uma série de ações que lhe renderam destaque nacional.

No ano de 2011 a capital pernambucana sediou o 18º ENTLAIDS, organizado pela AMOTRANS. Considerado o principal evento da militância de travestis e mulheres transexuais no Brasil, reuniu mais de 180 participantes, contando com uma extensa programação de debates, mesas redondas e apresentações culturais. Com o sucesso do evento

¹⁵ O Centro foi financiado pelo Programa Brasil Sem Homofobia e executado pelo Movimento Leões do Norte. Posteriormente, em 2012, o Grupo repassou a responsabilidade do equipamento ao Governo de Pernambuco que o denominou de Centro Estadual de Combate à Homofobia (CECH).

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

e ampliação das ações da AMOTRANS, Chopelly Santos passou a figurar entre as principais lideranças da ANTRA e do movimento de travestis e transexuais no Brasil.

Localmente, a AMOTRANS também se fez presente no Fórum LGBT de Pernambuco a partir da chegada de Chopelly Santos a coordenação colegiada da articulação. O protagonismo do Leões do Norte no Movimento LGBT pernambucano passa a ser dividido com a AMOTRANS e outras organizações. Com a intensificação das disputas no Fórum, o Leões iniciou novas articulações para fundação de um novo espaço de interlocução de Grupos organizados para o combate à homofobia. Esse processo resultará na fundação da Rede LGBT do Interior de Pernambuco no ano de 2011, conforme será discutido logo a seguir no próximo período. Antes disso, se faz necessário apontar a importância de outras organizações no contexto do Movimento LGBT pernambucano no período que vai de 2001 a 2010.

Além das instituições descritas ao longo desta seção, participaram da fundação do Fórum LGBT de Pernambuco ou desempenharam um papel importante na década de 2010, o Centro Homossexual do Cabo (GHC), a Organização Homossexual do Cabo de Santo Agostinho (OHCA), a Associação Pernambucana das Profissionais do Sexo (APPS) e as ONG AIDS Gestos e GTP+.

O GHC surgiu no início dos anos 2000 no município de Cabo de Santo Agostinho, localizado na região metropolitana do Recife. Atuando no campo de prevenção ao HIV junto a comunidade LGBT, o Grupo liderado por Fernando Rodrigues também levantou a bandeira do combate à discriminação homofóbica e passou a se articular em rede através do Fórum LGBT de Pernambuco e da ABGLT. No ano de 2013 Fernando Rodrigues foi eleito Secretário Nordeste da ABGLT durante assembleia geral da associação realizada em Curitiba.

A militância do GHC também teve como foco a responsabilização do poder público pela garantia da cidadania da população LGBT. As interações estabelecidas pelo Grupo com o Estado possibilitaram a criação de importantes equipamentos públicos no município de Cabo de Santo Agostinho, a exemplo da Coordenadoria LGBT, do Serviço de Assistência

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Especializada em HIV/AIDS e de um Ambulatório LGBT cujo atendimento prioritário tem sido destinado as pessoas trans em processo de transição de gênero.

Ao contrário do GHC que segue em atividade, a OHCA teve uma vida curta. Seu surgimento se deu em meados dos anos 2000 e sua atuação foi marcada por um conjunto de conflitos com o GHC, sobretudo nas disputas pelo protagonismo de representatividade da comunidade LGBT no Cabo de Santo Agostinho. Após ter ingressado no Fórum LGBT, a OHCA passou a se destacar e sua principal liderança, Henrique Eduardo, chegou a compor a coordenação colegiada da articulação. Apesar da sua rápida permanência, a OHCA também foi importante na trajetória do Fórum LGBT pernambucano.

Já a APPS foi fundada em 2002 e surgiu com o objetivo de representar as profissionais do sexo em Pernambuco, lutando pelo reconhecimento da prática da prostituição como direito e atividade laboral legalizada. Desde seu surgimento, a instituição tem forte incidência nas áreas da saúde, educação, cultura e defesa dos direitos humanos das profissionais do sexo. Em 2004 a APPS esteve presente no processo de fundação do Fórum LGBT de Pernambuco e sua principal liderança, Nanci Feijó¹⁶, manteve participação ativa nesse espaço, contribuindo com a organização da Parada da Diversidade e com outras ações desse espaço articulação política. A instituição representativa das profissionais do sexo também passou a integrar o Fórum de Mulheres e a Articulação AIDS Pernambuco, além de participar de espaços de controle social, a exemplo do Conselho estadual de saúde.

A ONG Gestos – Soropositividade, Comunicação e Gênero foi fundada oficialmente em Recife no ano 1993 por quatro profissionais: Aciolli Neto, sociólogo; Alessandra Nilo, jornalista; Silvia Dantas, assistente social; e Márcia Andrade, socióloga. As condições para emergência da organização foram possíveis devido o interesse de Aciolli Neto pela questão da prevenção ao HIV. Após ter projetos contemplados por organizações internacionais, o

¹⁶ Uma homenagem a Nanci Feijó foi realizada pelo Fórum LGBT de Pernambuco na 16ª Parada da Diversidade no ano de 2017. Para conhecer mais a respeito da trajetória de Nanci Feijó ver o episódio 14 da 1ª Temporada do Programa Pé na Rua produzido pela Ateliê Produções, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=brKyi80amcw>.

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

sociólogo fez o convite as demais integrantes que participaram do processo de fundação do Grupo. Na sua atuação, a Gestos especializou-se em produção de material comunicativo na área de prevenção ao HIV e outras ISTs, além de se destacar por oferecer assessoria jurídica as pessoas vivendo com HIV/AIDS.

Ao longo da década de 1990, Aciolli Neto esteve a frente da Gestos e buscou inserir a instituição nas lutas contra discriminação do então movimento de gays, lésbicas e travestis. Já na década seguinte, após o afastamento do sociólogo, a Gestos participou da fundação do Fórum LGBT de Pernambuco. A partir de 2005, Jair Brandão é indicado pela ONG para representá-la no âmbito do Fórum, contribuindo de forma assídua com a organização da Parada da Diversidade e de outras atividades da articulação.

Já o Grupo de Trabalhos em Prevenção Positivo (GTP+) surgiu em Recife no ano de 1998. O GTP+ lançou mão das linguagens das artes cênicas para realizar ações de prevenção junto às populações mais vulneráveis ao HIV. Wladimir Reis, fundador da ONG, testou positivo para o vírus no ano de 1993. Desde então passou a conviver com diversas experiências discriminatórias tanto em virtude da sua orientação sexual como também devido a soropositividade. Indignado com esse contexto, reuniu forças para fundar o GTP+ que passou a desenvolver uma série de ações de prevenção em diversos municípios, com ênfase na capital pernambucana. O GTP+ também foi um dos Grupos que participou da fundação do Fórum LGBT de Pernambuco e contribuiu com a fundação da AMOTRANS, inclusive cedendo o espaço da sua sede para as reuniões iniciais do primeiro Grupo de travestis e mulheres trans do estado.

Apesar de ter perdido a predominância, o enfrentamento ao HIV/AIDS continuou sendo uma agenda com espaço relevante no contexto da militância LGBT em Pernambuco. Isso se deve, em grande medida, ao trabalho das ONG AIDS. Com o novo contexto social e político do país, o Movimento LGBT passou a investir cada vez mais na reivindicação de políticas públicas e legislações de promoção da cidadania e de combate à discriminação. Com

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

isso, não foram raras as vezes que organizações como a Gestos e o GTP+ tiveram que disputar os rumos das agendas de reivindicação do Movimento LGBTQIA+ pernambucano.

Considerações Finais

O Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco tem uma trajetória marcada por um processo de organização e fortalecimento gradual, impulsionado pela atuação de diversas organizações e lideranças que, ao longo das últimas décadas, contribuíram para a visibilidade, a defesa de direitos e o reconhecimento das identidades sexuais e de gênero não hegemônicas. A história do Movimento nesse estado reflete, em grande parte, as lutas e os desafios enfrentados pelas militâncias LGBTQIA+ em outras partes do Brasil, mas também revela peculiaridades locais que, muitas vezes, colocaram o movimento pernambucano na vanguarda das discussões sobre diversidade sexual e de gênero. Merece destaque a constante interação do Movimento com o poder público, buscando a criação de políticas públicas que garantissem a cidadania plena para a população LGBTQIA+.

Na década de 1990, o Movimento teve um enfoque inicial no enfrentamento da epidemia de HIV/AIDS e na reivindicação de direitos a partir dessa agenda. Já na década de 2000, o período foi decisivo não apenas pela fundação e fortalecimento de organizações, mas também pela ampliação de sua inserção nos espaços de controle social e de participação política.

No entanto, essa relação não foi isenta de conflitos internos, como as disputas pelo protagonismo dentro do Fórum LGBT e as diferenças de enfoque entre as diversas organizações. Esses conflitos, embora desafiadores, também revelaram a diversidade de perspectivas dentro do Movimento e a complexidade das lutas que envolvem a interseção de diferentes identidades.

Apesar dos avanços, os desafios continuam significativos. A resistência à plena aceitação das identidades sexuais e de gênero não cisheteronormativas, as desigualdades

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

persistentes e a violência homofóbica e transfóbica ainda fazem parte do cotidiano dessa comunidade. O Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco, no entanto, tem se mostrado resiliente, criativo e disposto a continuar a luta, seja por meio da mobilização popular, seja através do diálogo com o poder público.

Ausente na literatura estabelecida que discute a trajetória do Movimento LGBTQIA+ no Brasil, a rica experiência dessa forma de ação coletiva em Pernambuco pode contribuir para uma compreensão mais ampliada e diversa a respeito desse movimento social em nosso país.

Referências

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony; WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. O que é Museologia LGBTQIA+?. **Revista Memória LGBT**, v. 6, n. 01, p. 4-15, 2021.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Memória e esquecimento LGBT nos museus, patrimônios e espaços de memória no Brasil. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação SESC**, v. 5, p. 108-119, 2017.

CAETANO, Márcio *et al* (Orgs.). **Quando ousamos existir**: itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI Brasileiro (1978-2018). Rio Grande: FURG, 2018.

CARRARA, Sérgio *et al*. **Política, direitos, violência e homossexualidade**: Pesquisa 5ª Parada da Diversidade - Pernambuco 2006. Rio de Janeiro: CEPESC, 2007

FREITAS, Gabriel Andrade de. Rede LGBT de Memória e Museologia Social: análise das repercussões no campo da Museologia no Brasil (2012-2022). **Revista Memória LGBT**, v. 8, n. 01, p. 32-39, 2023.

GREEN, James N. *et al* (Orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

LAURINDO-TEODORESCU, Lindinalva; TEIXIERA, Paulo Roberto. **Histórias da aids no Brasil, v. 2**: a sociedade civil se organiza pela luta contra a aids. Brasília: Ministério da

Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010

EMERSON SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2015.

LEMOS, Ana Carla da Silva. **Movimentos de lésbicas de Pernambuco: uma etnografia lésbica feminista**. 2019. 611 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil.

MESQUITA, Marylúcia (Org). **Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE): um breve resgate histórico**. Recife: DIVAS, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+:** uma breve história do século XIX aos nossos dias. Autêntica Editora, 2022.

REIS, Toni. HARRAD, David (Orgs.). **Projeto Somos, Desenvolvimento organizacional, Advocacy e intervenção para ONGs que trabalham com GAYS e outros HSH**. Série Manuais no. 65. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

SANTOS, Émerson Silva. Organização Política das Dissidências Sexuais e de Gênero em Pernambuco: construindo memórias das experiências do GATHO. **Historiæ**, v. 13, n. 1, p. 90-113, 2022a.

SANTOS, Émerson Silva. **A bandeira do arco-íris no coração do nordeste brasileiro: repertórios de interação socioestatais do movimento LGBT em Pernambuco entre 1980 e 2020**. 2022b. 234 fl. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil.

SOUTO, Caio Vinicius Santos; SANTOS, Stephani Rayanne da Conceição; OLIVEIRA, Isis Milena Santos de. Aracaju em cores: Caminhos LGBTQIA+ cartografados por entre os bairros da capital. **Anais do Museu Histórico Nacional**, v. 58, p. 1-24, 2024.

Original recebido em: 30 de novembro de 2024

Aceito para publicação em: 7 de janeiro de 2025